

A UNIÃO DA FILOSOFIA COM A DIDÁTICA NO PAPEL DO PROFESSOR ATUANTE

Autor: Geovane Ferreira de Santana Júnior
Orientador: Valmir Pereira

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Email: geovane.scc2012@hotmail.com

Resumo: O ensino de filosofia e a sua importância para a sociedade e o pensamento crítico dos alunos é algo pertinente a discussão, no qual o professor é o intermediário essencial no processo de sucessão de ideias, antecipadamente, o docente não é apenas um mero transmissor de conteúdos, e sim um educador ativo e dinâmico, sempre em busca de uma auto formação contínua, justamente por ser o ponto decisivo de ministrar aulas, já que tudo está em constante mudança. Examinaremos também como podemos relacionar a filosofia e a didática e qual a melhor maneira de pôr em prática essa fusão, conseqüentemente, o papel do professor e da filosofia como necessário para a sociedade. Outro ponto bastante pertinente são os pressupostos do ensino filosófico e como o seu diferencial é indispensável na escola e na formação intelectual dos alunos como seres atuantes em seu contexto social e cultural. Analogia ao ensino como aspecto semelhante a Maiêutica Socrática para o parto de novas ideias, e justamente com a alegoria da caverna de Platão, que consiste no desprender o aluno das correntes e iluminar de forma gradativa seus conhecimentos e percepções de mundo, abrangendo seu senso crítico e analítico na sociedade. A forma ideal do docente ministrar suas aulas e iluminar o caminho da ignorância do aluno, para a chegada a uma nova visão de mundo, mais racional e revolucionária diante do senso comum e das problemáticas sociais do cotidiano, que antes se relacionavam como naturais para o mesmo por ocasião do seu pensamento restrito e delimitado. O que faz a distinção entre um bom e um ótimo professor e a importância de manter sempre o pensamento dos educandos livre e subjetivando o raciocínio, pelo fato de cada um ter um modo de enxergar o mundo completamente distinto do outro. Por fim, unir os conhecimentos históricos da filosofia a práticas e questões atuais que transitam por a sociedade e buscar meios de questionar e encontrar as soluções necessárias a essas questões.

Palavras-chave: Ensino, Filosofia, Professor, Didática, Sociedade

Em primeiro lugar, abordaremos a dimensão do termo e da profissão, professor de filosofia, e qual a importância do seu ensino dentro e fora da escola, desde já, devemos ter em mente que a disciplina filosófica possui um diferencial em relação as outras, não por ser mais ou menos importante, mas por que, é essencialmente indispensável o seu ensino, pois como pressupomos, os alunos geralmente possuem um pensamento delimitado em relação ao mundo e todas as suas vertentes, justamente por estarem inseridos no senso comum igual a maior parte da sociedade. Por isso, examinaremos qual seria o papel do professor para uma mudança nessa realidade, e quais formas de intervenção seriam as mais viáveis, ocasionando em uma superação de ideias e uma ruptura do senso comum para uma nova visão de mundo mais panorâmica e crítica, que são exatamente os elementos constitutivos para que aja o surgimento do filosofar na consciência de cada um, com o propósito de uma autonomia de pensamento e sucessão de conhecimentos. É papel fundamental do docente motivar o aluno a ir em busca de suas potencialidades, utilizando-se de uma didática adequada para cada contexto social e cultural, independente das circunstâncias a qual estará submetida.

A docência em filosofia é algo totalmente subjetivo, ao passo que muitos graduados na área são dominadores dos conteúdos históricos da filosofia e dos conceitos que nela estão inseridos, enquanto outros obtiveram uma formação mais pedagógica e didática para assumirem o papel de professores. Mas dentro dessa subjetividade, é dever do docente fazer a ligação de seu conteúdo intelectual com uma preparação pedagógica para exercer dentro da sala de aula.

É muito comum vermos professores de filosofia que limitam-se a reproduzir o conteúdo que está no livro, delimitando o pensamento dos alunos a apenas ideias dogmáticas e abstratas. Docentes de filosofia que impedem o aluno de filosofar é uma contradição ao termo e a profissão de professor, pois o mesmo deve ter em mente que o aluno não é uma máquina de repetição, e que para a filosofia não existe paradigma e muito menos dogmas de pensamentos. A docência em filosofia exige professores capazes de questionarem-se sempre acerca de suas ideias e de seus conhecimentos, propondo sempre expandir o pensamento dos seus alunos para a criação de uma consciência individual e particular, partindo do aluno, em outras palavras, o professor deve despertar o filósofo que existe em cada um de seus alunos, para que os mesmos tenham um pensamento crítico diante das situações cotidianas e formulem seus próprios conceitos acerca de tais ocasiões.

Neste sentido, o professor seria um pensador educador, vejamos o que diz Alejandro Celetti a respeito disso:

A docência em filosofia convoca os professores e as professoras como pensadores e pensadoras, mais do que como transmissores acríticos de um saber que supostamente dominam, ou como técnicos que aplicam estratégias didáticas ideadas por especialistas para serem empregadas por qualquer um, em qualquer circunstância. (CERLETTI, 2009, p. 9)

O que o autor quer dizer, é que é preciso os professores terem um senso filósofo pedagogo para ministrar as suas aulas, de forma que os alunos sintam a liberdade para pensar, e não ficar repetindo o conteúdo textual de forma restrita e acrítica, exaustando os alunos a meros reprodutores de pensamentos, que na maioria das vezes não condiz com o seu contexto de vida. A crítica de Celetti diz respeito aos docentes que são seguidores de didáticas estabelecidas para transmissão de conteúdos, mas que se delimitam a fazerem apenas isto, ocasionando em péssimos profissionais que não renovam-se e nem questionam-se sobre o contexto do aluno, causando ausências de metodologias e didáticas coerentes com o contexto social e ideológico do próprio professor e do aluno. O que Celetti propõe é uma auto formação do professor, chegando até a uma transformação de si, recriando sempre a própria didática e reformulando seus pensamentos.

Diante disto, nos questionamos sobre como docente em filosofia devem ministrar as suas aulas, e como somos capazes de modificar a realidade dos alunos. Em primeiro lugar, devemos ter em mente que cada aluno tem seu modo de ver o mundo, e que temos que saber trabalhar de forma que nenhum aluno sintam-se oprimido devido a sua cor, posição social raça, etnia, religião, ou orientação sexual. Paralelamente, existem também alunos que possuem uma maior dificuldade na retenção de conteúdos, o que implica em uma maior atenção no seu ensino, pois o mesmo não domina o ritmo de aprendizagem da maioria. Além do mais, o professor deve ter uma postura mais dinâmica para trabalhar-se com seus alunos, tendo em vista uma maior aproximação do cotidiano dos educandos com a filosofia, para que aja um vínculo entre a teoria e prática, e um maior exercício do pensamento em relação a sociedade. Em outras palavras, o docente ativo é aquele que prende a atenção de forma didática e extrovertida, situando a filosofia como necessária para a mudança na sociedade, e na vida de cada um, em virtude da criação de novos horizontes e consciências revolucionárias que pensam e agem de acordo com o que é mais conveniente para cada um, e para a sociedade, ou seja, o papel da docência em filosofia é de extrema importância para o surgimento de novas ideias e de pensamentos críticos e inovadores.

Sobretudo, qual a relação entre a filosofia e a didática? Como podemos unir o conteúdo filosófico a educação em sala de aula, e de que forma ocorre essa junção? Celetti nos diz que: “A filosofia e a didática transitam por caminhos separados que ocasionalmente se justapõem, em virtude da circunstância de ter que “dar aulas”. (CELETTI, 2009, p.16)

Conforme a citação acima, ambas estão distintas uma da outra, porém, como docentes em filosofia, é nosso dever buscar a interligação das mesmas para exercer o nosso trabalho, de forma que uma não abandone a outra, por mais que sejam diferentes, a uma dependência entre elas para que possa se transmitir o conhecimento. Vejamos por exemplo um professor que não tenha uma didática e apenas explique leituras e comentários de textos de correntes filosóficas, as quais os alunos não tenham interesse ou animo para receber o conteúdo, o resultado é extremamente negativo e insatisfatório das duas partes. Agora imaginemos um outro professor que domine os conteúdos filosóficos e tenham uma didática própria e dinâmica, na qual os alunos identifiquem-se e gostam, e acima de tudo, que o pensamento seja livre de dogmas a respeito das correntes filosóficas, a conclusão desse contraste explicitamente positivo. E isso não é um fator de circunstâncias, mas sim, de assumir um compromisso com a filosofia e com a profissão de educador. Em vista disso, não é um contexto da escola, nem o fato de esta localizada em zonas suburbanas ou de classes altas que irá definir um ótimo professor de um transmissor estrito de conteúdos, o que expressa essa

distinção é a forma como cada um consegue exprimir do aluno aquilo que está fora da sua realidade, e fazer com que ele olhe o mundo de outras maneiras na qual sozinho ele não conseguiria, com o propósito de expandir consideravelmente sua visão para com o mundo.

Por analogia, o papel do educador assemelha-se com a maiêutica de Sócrates, que baseia-se expressamente no parto de novas ideias, visto que, o aluno tem o potencial para ser trabalhado e é exatamente o professor que percorrerá com ele o caminho rumo a descoberta de suas capacidades intelectuais de modo significativo. Examinaremos com mais clareza o que seria a tarefa do docente por meio dessa maiêutica. Indubitavelmente sabemos que cada aluno tem individualmente sua visão de mundo, seja ela adquirida por experiências ou não, o que implica dizer que os conteúdos de filosofia fragmentados a correntes de pensamentos tendem a serem interpretados de modo diferente a cada um. Por exemplo, a filosofia medieval pode ser vista como algo negativo para muitos, e em contraste, pode ser período muito positivo perante outros. Tudo depende de modo de interpretação e concepção de mundo de cada um. Tendo em vista disso, o professor irá trabalhar com cada aluno questões subjetivas, para desenvolver a linha de raciocínio do educando. Em outras palavras, o educador será o intermédio entre o conteúdo exposto e a interpretação do aluno, buscando a criação de novos conceitos e ideias por parte dele, é basicamente o despertar do “conhece-te a ti mesmo” de Sócrates no aluno, buscando um aprofundamento de suas capacidades intelectuais e cognoscíveis sobre si próprio e sobre o que está a sua volta.

O ambiente escolar é o lugar mais propício e essencial para o desenvolvimento pessoal dos estudantes, e cabe aos professores aproveitarem o momento para trabalhar com eles nessa fábrica de conceitos que é a sala de aula, e não apenas expor conteúdos e fazer avaliações, pois, se for o caso, estaríamos formando pessoas sem linha de pensamento crítico algum paradas no tempo e nos conceitos que hoje muito já não condizem com a nossa realidade. Apesar de serem de extrema importância para se situarmos na história da filosofia, e entendermos o contexto histórico de cada período. Precisamos também, e não menos importante, nos remetermos aos problemas mais atuais e presentes, em busca de soluções e desconstruções do senso comum ao qual muitos dos educandos não tem noção que estão inseridos. Portanto, o parir de novas ideias, o clareamento de pensamento e o raciocínio livre são as tarefas essenciais ao qual um professor de filosofia deve propor e exercitar, nessa fábrica de conceitos, que nada mais é que o surgimento de novos termos, problemáticas, discussões, pensamentos e conhecimentos adquiridos ao longo das aulas, e que serão levados para além dos muros da escola. Conseqüentemente, o filosofar acerca da política, da ética, da educação, da sociedade e da cultura baseia-se e fecunda na formulação de perguntas

filosóficas ao qual nós professores, possamos questionar-se aos nossos alunos, a fim de encontrarmos respostas.

Além disso, similarmente com a maiêutica Socrática, o docente deve ministrar as suas aulas na perspectiva da alegoria na caverna de Platão, que consiste em remover as correntes que prendem o aluno e seu pensamento limitando a sua visão de mundo ao senso comum, e o levando em encontro a luz do conhecimento, que seria exatamente a ruptura do senso acrítico para o crítico, ou seja, o professor durante as suas aulas é capaz de transformar o educando de maneira pedagógica, partindo de um conhecimento superficial, e trabalhando de maneira gradativa, buscando sempre uma melhor transmissão de ideias e interação entre os pressupostos históricos e os conteúdos atuais, mantendo uma intervenção filosófica entre o que pode ser de relevância na sociedade em intermédio da filosofia, examinar de maneira pertinente o aluno e seu trajeto para fora da caverna, que seria o ponto decisivo para a completude da ruptura acima citada. A saber, o professor é o removedor das sombras ilusórias a qual os alunos estão limitados e é ele que por meio de sua formação acadêmica e pedagógica iluminará a mente e fecundará novas concepções de mundo.

A filosofia não é um super saber que se instala como soberano sobre os outros saberes. Ela é como um farol, que não existe para iluminar os caminhos dos barcos no mar, mas alertar quanto a direção a ser seguida, para evitar os desvios e os perigos de uma rota inesperada. (RODRIGUES, 2001)

O que o autor quer expressar é que o papel da filosofia na educação não é superior a nenhum outro, mas é essencial para a vida de cada um, pois sem ela, cairíamos no abismo da ignorância em relação a sociedade e os problemas que nelas estamos inseridos. O professor de filosofia será o norteador do conhecimento e das capacidades cognoscíveis do aluno, como um farol para os navegantes, o educador alertará sobre os problemas e as questões filosóficas da sociedade.

Em conclusão, o termo “ser” professor de filosofia é muito mais amplo do que imaginamos, vai muito além do domínio de correntes filosóficas e transmissão de conteúdo. E ainda mais, a profissão se sobrepõe a conteúdos previsíveis abordados nos livros didáticos e currículos fragmentados por época histórica. O enfoque do ensino filosófico ocasiona uma mudança constante por parte do docente e suas metodologias e didática justamente por estarmos em constantes transformações sociais e culturais, o que implica em uma atualização e auto formação profissional como elementos constitutivos para ser um ótimo professor, e acima de tudo, superar as circunstâncias onde está inserido em busca de um desdobramento e de metodologias específicas para aquele contexto. Em outras palavras, o profissional deve procurar estabelecer um vínculo de compromisso com a filosofia

e os seus alunos, independente do ambiente ou da falta de recursos. Buscando sempre manter essa ligação entre a teoria e a prática correlacionada ao cotidiano dos seus alunos. Os retirando do senso comum ao qual se encontram, visto que são as sombras ilusórias do conhecimento. E clarear a sua mente com um farol para os navegadores. A filosofia exclusivamente busca por essas questões de caráter universal e social, de forma que aja uma expansão do pensamento e de tudo que é cognoscível para o aluno, afim de fundamentar o parto de novas ideias. Em última instância o docente deve buscar educar o aluno para o desenvolvimento do seu potencial diante o que lhe for mais pertinente, ou como diria Tomaz de Aquino, “educar para vir a ser”. Por isso a importância de manter o pensamento livre de paradigmas e dogmas, uma vez que a filosofia e reflexão, onde a reflexão é subjetiva de acordo com o modo de raciocínio de cada um, ou seja, professor bom é aquele que faz o aluno pensar e refletir acerca do mundo, e não o que delimita e objetiva o que se deve ser pensado, se assim fosse, o ensino não possuiria perspectiva alguma e conseqüentemente, não serviria de nada além de meros conhecimentos teóricos, dogmáticos. A busca pelo aprofundamento pessoal e intelectual do aluno é o ponto decisivo para superar-se o saber programático e repetitivo, criando assim seres com autonomia de pensamento e críticos atuantes na sociedade atual. Enfim, ser professor é despertar o filósofo que habita no interior de cada aluno.

BIBLIOGRAFIA

- AEBLI, Hans. **Prática de ensino**: Formas fundamentais de ensinar elementar, médio e superior. 3ª Edição. Rio de Janeiro, vozes, 1973.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 3ª edição. São Paulo, Moderna, 1996.
- BRANDÃO, Zaia. **A crise dos paradigmas e a educação**. 10ª edição. São Paulo, Cortez, 2007.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução de Alvaro Lorencini. São Paulo, Unesp, 1999.
- CELETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte, Autentica Editora, 2009.
- GHIRALDELLI, Paulo. **O que é filosofia da educação**. 3ª edição. Rio de Janeiro, Dp&a, 2002.
- REDDEN, Jhon D. **Filosofia da educação**. Et al, Francis A. Ryan. Tradução de Nair Fortes Abu-Merhy. 5ª edição. Rio de Janeiro, Inl, 1973.
- RODRIGUES, Neidson. **Lições do príncipe e outras lições**. 19ª edição. São Paulo, Cortez, 2001.



SAVIANI, Dermeval. **Educação:** do senso comum a consciência filosófica. 18ª edição. Campinas, Sp, 2009.

